

Acritica  
12/10/97 C-14  
69

# Cegueira e analfabetismo afetam Pauini

Moradores da cidade do rio Purus não conseguem aprender a ler e a escrever porque sofrem de graves doenças da visão, segundo pesquisa

PAUINI (AM) (AG) — Na cidade com o maior índice de analfabetismo do País (81,65%) as pessoas não conseguem aprender a ler nem a escrever porque não enxergam. Exames feitos em 524 pessoas pela Escola Paulista de Medicina (EPM) constataram que 58% da população de Pauini, uma cidade isolada no Sul da Floresta Amazônica, necessita de óculos, cirurgias e tratamento oftalmológico.

Localizada às margens do rio Purus, sem estradas que a ligue a outras cidades, Pauini fica a 15 dias de barco de Manaus e a três de Rio Branco (AC). A cidade tem 18.296 habitantes, dez automóveis e nenhuma ótica. O problema de visão coletiva deficiente começou a ser identificado pelos educadores do Alfabetização Solidária quando o programa foi implantado, em janeiro. Os professores diziam ser inviável um projeto de alfabetização na cidade.

Dos 524 pacientes examinados o pela EPM, muitos deles alunos das turmas de alfabetização, 38% deveriam usar óculos, 8% têm catarata, 5% apresentaram problemas na retina e 13% na córnea. Os médicos encontraram ainda 19 pacientes que carregam no sangue um parasita que provoca opacidade periférica na córnea, uma mancha branca que vai tomando conta do olho. Excluídos os que têm mais de um tipo de anormalidade, chega-se ao total de 58% com alguma espécie de problema que impede a alfabetização.

“Pauini é um dos locais de piores condições visuais do mundo, igual ao Haiti, onde já examinei pacientes. Nunca pensei que a situação fosse tão dramática”, avalia o chefe do Departamento de Oftalmologia da EPM, Rubens Belfort Júnior.

A própria EPM, que é ligada à USP, vai distribuir óculos às 12 comunidades que vivem às margens do rio Purus. É numa dessas comunidades, Içá, que vive Rosélia da Costa, 12. Ela está na escola há três anos, mas pouco aprendeu.

Rosélia tem quatro graus de miopia, com astigmatismo. Segundo o chefe do Departamento de Cirurgia de Miopia da EPM, Wallace Chamon, ela jamais aprenderia a ler sem óculos, pois só tem 30% da visão.

Um dos primos de Rosélia, Nailson, 9, está na 1ª série e não sabe desenhar o nome. Ele só tem 10% da visão. O problema de Nailson, segundo os médicos, é mais grave ainda: ele não desenvolveu a visão por contrair doenças que não foram devidamente tratadas na infância, como a rubéola congênita. O menino jamais voltará a enxergar. Do ponto de vista médico, é cego.

A falta de visão traz muitas dificuldades aos educadores de Pauini. A professora Helck Souza, 23, tem 15 alunos num seringal perto da cidade.

Só três não reclamam da vista: “Faço letras de 15 centímetros no quadro negro”.



População diz que fumaça de defumação do látex causa doenças nos olhos de quem mora em Pauini

## Defumação do látex pode ser a causa

Há divergências quanto às causas da visão deficiente em Pauini. A população local acredita que o problema, entre os adultos, esteja relacionado à defumação do látex nos seringais, que produz uma fumaça nociva. Os ribeirinhos culpam o mercúrio que os garimpeiros despejam nos igarapés que deságuam no Purus.

Apontam ainda a desnutrição. Segundo o oftalmologista Rubens, não há prova científica de que a fumaça do látex seja prejudicial à visão. Já Chamon observa que o mercúrio pode acelerar alterações oculares. Para o médico, somente em estágio avançado a desnutrição afeta a visão.

O Alfabetização Solidária atende a 40 mil alunos nos 120 municípios com índice de analfabetismo acima de 48%. O programa é feito em regime de parcerias entre Governo federal, universidades e empresas. Em Pauini, a Universidade São Marcos (USM), de São Paulo, coordena os trabalhos, com recursos da Volkswagen.

Nem só da vista se queixam os moradores de Pauini, que também estão contraindo doenças raríssimas. A equipe de médicos que visitou as populações ribeirinhas do Purus identificou casos de opacidade periférica de córnea e ainda a kwashiorkor, uma desnutrição pro-

téico severa, que deixa as crianças parecidas com as africanas que passam fome. Muitos chamam a doença de “etiópia” na região.

Dos 524 pacientes examinados, 19 apresentaram opacidade periférica da córnea, semelhante às manchas brancas que aparecem nos olhos dos pacientes com oncocercose, doença de pele causada por verminose.

“Existe uma grande concentração de pessoas com opacidade da córnea numa área muito pequena. Esta opacidade é causada por uma microfilária”, explica o oftalmologista Rubens Belfort.

Os médicos identificaram pelo menos um caso de kwashiorkor. Kiberson Gomes da Silva, 1, está com o mesmo peso desde que nasceu: 3,5 quilos. Segundo o médico Rubens Castelo Branco, o menino jamais terá um desenvolvimento normal.

No hospital de Pauini foram registrados dois casos de kwashiorkor nos últimos dois meses.

“De cem crianças de Pauini, 40 são desnutridas e 98 têm verminoses”, revela a médica Maria Margarete Lucena, de Pauini.

As populações ribeirinhas de Pauini, concentradas às margens dos rios Purus e Pauini, alimentam-se principalmente de farinha e peixe. Muitos, no en-

tanto, não têm sequer material de pesca. O quilo do peixe é vendido a partir de R\$ 0,60. A diária de um trabalhador rural é a partir de R\$ 3.

“Quando não tem peixe, a gente come só farinha com água e vai dormir”, contou Maria do Socorro Maciel, 52, que planta feijão e melancia numa praia do Purus.

As plantações são feitas nas faixas de areia e nos barrancos, nas áreas antes alagadas do rio. De janeiro a maio, a água sobe até 20 metros e arrasta mudas frutíferas. As palafitas ficam geralmente a cem metros do rio. Não há saneamento básico e o esgoto fica acumulado debaixo das palafitas, espaço dividido por galinhas e crianças. Na comunidade da Prainha foram registrados quatro casos de tuberculose nos últimos três meses.

O prato preferido dos ribeirinhos é a tartaruga gigante, que chega a pesar mais de 50 quilos. Mas quando encontram uma tartaruga, vendem por até R\$ 150 para os barqueiros, que revendem o animal por R\$ 400 em Manaus. Os agricultores do Purus não têm lucro com as plantações de melancia. Cada fruta, com mais de dez quilos, custa de R\$ 0,50 a R\$ 1. A região é de difícil escoamento da produção.